

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES**“Palavra e cultura na América Latina: Heranças e desafios”**

Tema: “Dimensão temporal e espacial da linguagem e da cultura nos contextos latino-americanos” - 19, 20 e 21 de outubro de 2011

COMUNICAÇÃO ORAL: Silêncio e cultura latino-americana no conto *Lo más olvidado del olvido*, de Isabel Allende

Marilia Simari Crozara¹
Yvonélio Nery Ferreira²

RESUMO

Este estudo objetiva pontuar a relação entre o silêncio presente no texto literário e as condições de elaboração da cultura latino-americana presentes no conto da autora chilena Isabel Allende intitulado *Lo más olvidado del olvido*, inserido no livro *Cuentos de Eva Luna*, editado pela primeira vez em 1990. A narrativa trata do sentimento das pessoas que foram torturadas no Chile pelo ditador Pinochet e por seus comparsas. Esse sentir persegue os indivíduos, acompanhado do intenso desejo delas de esquecê-lo para sempre. É tão profundo o medo causado pelas recordações da tortura na Ditadura chilena que as personagens mostram ao leitor o quanto se torna impossível manter um relacionamento afetivo, uma vez que elas se veem continuamente atormentadas pelas memórias: do constrangimento sofrido, dos gritos dos companheiros de causa, das cicatrizes presentes nas almas e nos corpos, da presença generalizada da Ditadura em suas vidas.

Palavras-chave: Silêncio; cultura latino-americana; Ditadura militar chilena; Isabel Allende.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relation between the silent present in literary text and the conditions of elaborating Latin American culture in the tale from Chilean writer Isabel Allende, *Lo más olvidado del olvido*, in the book *Cuentos de Eva Luna*, edited first in 1990. The narrative points the feelings experienced by people who were tortured in Chile by Pinochet dictator and by his cronies. This feeling haunts people and it is followed by their deep desire to forget it forever. The fear caused by the Chilean torture memories is so deep that the characters show to the reader how impossible is to maintain an affective relationship, because they see themselves continually plagued by the memories of the embarrassment suffered, by the shouting of their companions, by the scars in their bodies and in their souls, by the generalized presence of dictatorship in their lives.

Key words: Silence. Latin American culture. Chilean Military Dictatorship. Isabel Allende.

¹ Mestre em Linguística - UFU. ✉mariliascz@yahoo.com.br

² Professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*, Centro Multidisciplinar, Cruzeiro do Sul – Acre. Doutorando em Literatura – UFSC. ✉ yvonery@hotmail.com

Caótico, conturbado, desordenado, essas são apenas três adjetivações passíveis de designar a contemporaneidade, marcada pela incessante manifestação do barulho e pelo excesso de "comunicação". O advento da máquina, em meados do século XVIII na Inglaterra e em outros locais do mundo no século XIX, foi pouco a pouco minando no homem a possibilidade de viver sem o ruído. A despeito disso, os espaços foram gradativamente preenchidos pelo vazio do excesso; as relações interpessoais, incompletas, passaram a ser guiadas pelas dúvidas e pelas incertezas basilares do homem contemporâneo.

Tomando como base o início do século XX, observamos que as artes plásticas e a literatura serão marcadas pelo signo da ruptura, da renovação. As Vanguardas Europeias representam o grande exemplo da nova postura assumida pelo artista, que aponta a arte passadista como incapaz de representar as agruras do homem desse novo século. Pensando nisso, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo, Expressionismo e Surrealismo serão manifestações estéticas responsáveis por trazer à tona, muitas vezes de forma agressiva e incompreendida, a essência que norteará posturas e pensamentos artísticos e estéticos subsequentes.

Assim, na esteira desse século, Primeira Guerra Mundial, Vanguardas Europeias, Fascismo, Nazismo, Salazarismo, Fraquismo, Modernismo, são apenas alguns movimentos políticos e culturais que marcaram a história, influenciando os homens de seu tempo. Em meio a esta efervescência, encontramos as relações sentidurais entre o silêncio, o ruído e o barulho como divisores de águas nos meios de comunicação. A experiência interior dos indivíduos será guiada pelo excesso que procura por uma enunciação que os constitua, mas que ressoa como marca dos seres incapazes de se ver em silêncio, pois, segundo David Le Breton (1997, p. 11), "O único silêncio que a utopia da comunicação conhece é o silêncio da avaria, da falha da máquina, da paragem da transmissão. É mais um cessar da tecnicidade do que o aparecimento de uma interioridade".

Como então pensar o silêncio em meio à sociedade caracterizada pela necessidade do tumulto? O que o caracteriza e quais as formas possíveis do mesmo ser observado? Esses são apenas alguns questionamentos que serão discutidos ao longo desta comunicação para se chegar a uma leitura do conto "Lo más olvidado del olvido", da escritora chilena Isabel Allende.

Em meio à sociedade capitalista, o silêncio é vislumbrado como uma relíquia arqueológica, como algo necessariamente esquecido, uma vez que sua presença é motivo de angústia e mal-estar. O excesso de palavras e sons, dos mais variados, impossibilitam a contemplação e a convivência pacífica e fundamental com o silêncio. Com isso, a palavra vai, paulatinamente, esgotando seu valor, minando suas possibilidades discursivas, uma vez que o

silêncio é elemento intrínseco ao sentido das palavras, pois segundo Eni Puccinelli Orlandi (2007, p. 13) "o silêncio é assim a 'respiração' da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite movimento do sujeito".

Notamos, portanto, que não há falta de sentido no silêncio, mas infinitas possibilidades de significação que podem se manifestar das mais diversas formas. Assim como o amontoado de ruídos elimina o silêncio, o enfatiamento da palavra conduz à contemplação do mesmo. Há o silêncio do ser que se recusa em escutar o outro, ou mesmo em responder-lhe, como forma de findar seus dizeres e seus argumentos. O silêncio de desprezo busca a mágoa, a tomada de posição e o distanciamento dos acontecimentos. Nas religiões, ele pode representar a busca do inefável, ou até, como em alguns momentos da história das religiões, o silenciamento dos que eram vistos como contrários às doutrinas impostas. Na política, essa forma de elaboração do sentido será acompanhado da noção de poder, como observado em momentos ditatoriais, em que os governantes se veem na necessidade de silenciar aqueles que se opuserem às normas do regime.

Sob a égide das palavras de Le Breton (1997, p. 141), concordamos que "o silêncio não é ausência de som, um mundo sem estremecimentos, parado, onde nada se fizesse ouvir". Assim sendo, entre as várias formas de representação do silêncio, priorizamos aquela manifestada por meio do conto *Lo más olvidado del olvido* em que observaremos as marcas da Ditadura Militar deflagrada por Augusto Pinochet vistas sob a ótica dos exilados políticos em busca do bem inalienável da liberdade.

Nessa perspectiva, faz-se mister pontuar a respeito da simbologia presente no nome da narradora: Eva Luna. De composição *sui generis*, o substantivo Eva pode ser entendido a partir as acepções de Chevalier em seu Dicionário de Símbolos (1990) expressando a parte cabível à sensibilidade humana advinda da ruptura com a sua representação racional, Adão, desempenhando, assim, a função de alma humana, dirigindo a racionalidade e o fazendo vencer as intempéries vividas.

No que respeita à Luna, ela pode significar a passagem do tempo em suas diferentes fases e, nesse sentido, encaminha para a representação em muitos povos no que tange a transição da vida para a morte, traçando um fio amplo, belo e progressivo no caminho para o conhecimento. Eva Luna é uma Sherazade latina, o que a faz viver e observar a vida valendo-se de um entendimento "idealizador", lutando contra a repressão a sua maneira. A narradora elaborada por Allende contará ao leitor histórias advindas de sua alma que o conduzirá, a

partir de sua triste, bela e fria luminescência, pelas noites escuras produzidas pela Ditadura chilena.

Assim, a obra corresponde a uma seleção de 23 histórias que Eva Luna narra a seu amante após um pedido deste para que ela lhe conte uma história que “jamás haya contado antes”. É nesse contexto que a narradora tematiza histórias de amor, de ódio, de vingança, relatos em que o grotesco, o sublime, bem como simultânea e contraditoriamente, o fantasmagórico são traspassados, compondo os sentimentos do homem contemporâneo frente ao mundo circundante.

Pensando no conto *Lo más olvidado del olvido*, observamos dois personagens centrais, desprovidos de nomes próprios e em exílio no Caribe, que se encontraram fortuitamente. Sem destino certo, saíram a caminhar pela cidade e acabaram no quarto da personagem, que morava com outros exilados em um apartamento. Ali, sem cerimônias, ela se despiu, mas a cena posta no conto sugere que o ato sexual é “banal” frente à teia psíquica elaborada entre eles:

Él trató de amarla. La recorrió con paciencia, resbalando por sus colinas y hondonadas, abordando sin prisa sus rutas, amasándola, suave arcilla sobre las sábanas, hasta que ella se entregó, abierta. Entonces él retrocedió con muda reserva. Ella se volvió para buscarlo, ovillada sobre el vientre del hombre, escondiendo la cara, como empeñada en el pudor, mientras lo palpaba, lo lamía, lo fustigaba. Él quiso abandonarse con los ojos cerrados y la dejó hacer por un rato, hasta que lo derrotó la tristeza o la vergüenza y tuvo que apartarla. Encendieron otro cigarrillo, ya no había complicidad, se había perdido la anticipada urgencia que los unió durante ese día, y sólo quedaban sobre la cama dos criaturas desvalidas, con la memoria ausente, flotando en el vacío terrible de tantas palabras calladas (ALLENDE, 2007, p.144).

Urgência desfeita, ambos permaneceram deitados na cama, em silêncio. De mãos dadas, um ao lado do outro, passaram a conversar a respeito de seus cotidianos naquele país em que se encontravam exilados, alijados de suas existências. Ele pensou em ir embora, mas visualizou na personagem a possibilidade da elaboração de uma amizade por meio da qual poderia dissolver o sentimento de medo, bem como os momentos de silêncio. Optou por esperar.

Entre os instantes de estranhamento e intraquilidade construído pelos amantes, ela decidiu fechar a cortina a fim de tentar minimizar tais sensações, todavia a escuridão incomodou o personagem e ele solicitou que ela a deixasse aberta. Assim, a mulher retornou à cama e o acariciou, passando a mão nas cicatrizes encontradas pelo corpo do amante ocasional. Essa “percepção tátil” provocou no personagem o sentimento de angústia,

desencadeando a explicação de que tais marcas não representavam nenhuma enfermidade contagiosa, bem como ponderar sobre o real motivo de ambos estarem ainda ali, uma vez que não voltariam a andar de mãos dadas como o fizeram durante àquele dia. Mergulhado em um fluxo de consciência, emergem, do personagem, as lembranças dos horrores sofridos no decurso da Ditadura chilena, fato que desencadeia o choro, a suplica da ajuda e o pedido de abraço, atendidos prontamente. No decurso do amparo, as lembranças se desfazem e ele retorna à realidade sentindo o corpo dela sobre o seu.

Nesse instante, a personagem reflete sobre o medo, desvelando ao amante o fato de que ela não se tratava apenas uma moça disposta ao amor ocasional, mas alguém que também conhecia a fundo os mesmos torturados e torturas que ele:

Y en ese instante, como si lo supiera todo, ella le dijo que el miedo es más fuerte que el deseo, el amor, el odio, la culpa, la rabia, más fuerte que la lealtad. El miedo es algo total, concluyó, con las lágrimas rodándole por el cuello. Todo se detuvo para el hombre, tocado en la herida más oculta. Presintió que ella no era sólo una muchacha dispuesta a hacer el amor por conmiseración, que ella conocía aquello que se encontraba agazapado más allá del silencio, de la completa soledad, más allá de la caja sellada donde él se había escondido del Coronel y de su propia traición, más allá del recuerdo de Ana Díaz y de los otros compañeros delatados, a quienes fueron trayendo uno a uno con los ojos vendados (ALLENDE, 2007, p.146-147).

Ao acender a luz, a mulher gradativamente retira as pulseiras e revela as cicatrizes em seu punho. Ele as observa por um momento, ambos se abraçam e choram, compartilhando os mais profundos segredos. Após esse passeio pelo enredo, discutiremos as marcas sentimentais do silenciamento apresentado na enunciação desses personagens. Segundo Santiago Kovadloff (2003, p. 11):

A palavra que acolhe o silêncio não se funda em um ato voluntário. Ela é, ao contrário, fruto de um arrebatamento. É vocação, é resposta a um chamado. Impõe-se, sobretudo, inapelável necessidade a quem depois a organiza como enunciado. Guarda, em seu núcleo, os atributos primários do ato criador e remete a um salto abrupto, que sai do solo trilhado da indiferença e do hábito rumo à altura desusada da paixão.

A partir do enredo apresentado e da citação de Kovadloff, observamos que no conto em questão, os silêncios vão gradativamente revelando o estado de tensão instaurado entre os personagens e o mundo. Fica sensível ao leitor a quase impossibilidade de se dizer ao outro, uma vez que as experiências impostas e vividas os enclausuram em um casulo frágil, rompido somente por aquele que viveu as mesmas experiências. Os ditos são advindos de silêncios, de

marcas, de olhares, de comportamentos, responsáveis por descortinar a acidez histórica ruminada cotidianamente.

É fato que os traumas pessoais são decorrentes de questões políticas. Michel de Certeau (1980) comenta que o poder se exerce acompanhado do silêncio e da opressão, fato observado não só na Ditadura chilena, mas em todas aquelas instauradas em outros países da América Latina a partir da década de 1960. Guiadas pela marca da opressão, esses regimes políticos foram responsáveis por inúmeras atrocidades em nome da ordem, imposta de forma obscura, a partir de atos cruéis e absurdos, como prisões, torturas e mortes dos que se mostravam contrários aos governantes.

Instaurava-se, nesse caso, a política do silêncio que impedia o interlocutor de sustentar seus discursos e aqueles que o faziam, eram condenados às atrocidades que deixavam marcas físicas e psicológicas, como as representadas nos personagens do conto de Allende. Ambos carregam as cicatrizes das torturas, dos grilhões atados aos punhos e que silenciam a história de vida de cada um, despertada pelo simples ato de fechar uma cortina e deixar um quarto escuro:

Se infló la cortina como una vela y ella se levantó a cerrar la ventana, imaginando que la obscuridad podía ayudarlos a recuperar las ganas de estar juntos y el deseo de abrazarse. Pero no fue así, él necesitaba ese retazo de luz de la calle, porque si no se sentía atrapado de nuevo en el abismo de los noventa centímetros sin tiempo de la celda, fermentando en sus propios excrementos, demente. Deja abierta la cortina, quiero mirarte, le mintió, porque no se atrevió a confiarle su terror de la noche, cuando lo agobiaban de nuevo la sed, la venda apretada en la cabeza como una corona de clavos, las visiones de cavernas y el asalto tantos fantasmas (ALLENDE, 2007, p. 145).

A escuridão é a força que retira do silêncio o passado marcado pela prisão e pela tortura. Pedir para a cortina permanecer aberta no fito de que a claridade não dê lugar à escuridão é tentar manter em silêncio as lembranças de insistente estabelecimento. Mentir é também manter oculto os medos presentificados com a ausência de luz. Além disso, outra marca que encerra a presença do silêncio são as cicatrizes: nelas estão abafadas as agruras vividas nesse momento histórico.

Dito isso, *Lo más olvidado del olvido* pode ser relacionado ao ensaio *A cicatriz de Ulisses*, elaborado por Erich Auerbach no que respeita às marcas deixadas pela Ditadura militar de Pinochet no povo chileno. O estudioso elabora sua reflexão valendo-se da narrativa sobre a cicatriz de Ulisses no canto XIX da *Odisséia* e do episódio bíblico referente ao sacrifício de Isaac por Abraão no livro *Gênesis*, 22 do *Antigo Testamento*, comparando-as.

Da primeira, retira o momento revelador em que Euricléia fala a Ulisses a respeito da ausência do personagem naquele local e, ao lavar-lhe os pés, percebe a cicatriz denunciadora. Ulisses afasta-se para a sombra a fim de não ter a identidade revelada à Penélope. Do segundo, busca o relato do sacrifício de Isaac, abordando, ainda, princípios tais como o elemento retardador na poesia homérica, em oposição ao princípio da tensão, ancorados nas percepções de Goethe e Schiller.

Por ora, vale ressaltar que o estudo de Erich Auerbach (2001, p.20) corresponde a um princípio para se observar a representação literária da realidade na cultura ocidental, evidenciando o fato de essas representações literárias, mesmo possuindo diferenças composicionais, funcionam como base para o percurso da literatura ocidental:

Os dois estilos representam, na sua oposição, tipos básicos: por um lado, descrição modeladora, iluminação uniforme, ligação sem interstícios, locução livre, predominância do primeiro plano, univocidade, limitação quanto ao desenvolvimento histórico e quanto ao humanamente problemático; por outro lado, realce de certas partes e escurecimento de outras, falta de conexão, efeito sugestivo do tácito, multiplicidade de planos, multivocidade e necessidade de interpretação, pretensão à universalidade histórica, desenvolvimento da apresentação do devir histórico e aprofundamento do problemático.

Realizando uma analogia às situações observadas pelo estudioso, reconhecer o outro pela cicatriz corresponderia ao desvelar existencial, o que implica no momento de tensão advindo da eminência de demonstrar ao outro os motivos pelos quais ali se encontram alijados. Em Allende, a luz se torna o meio condicional pelo qual se evitará a denúncia identitária. Guiada pelas mãos da censura, temos que as Ditaduras impõem em seus dizeres formações discursivas representativas da opressão e da tentativa de impedir a manifestação de formações outras que venham à tona para desestabilizar a ordem pretendida. Segundo Orlandi (2007, p. 104), "a censura não é um fato da consciência individual do sujeito mas um fato discursivo que se passa nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] Ela sempre se dá na relação do dizer e do não poder dizer, do dizer de 'um' e do dizer do 'outro'".

É essa contradição a responsável pelos embates travados entre ditadores e opositores, é dela que surgem os segredos impostos e vividos a partir de uma dualidade discursiva entre quem impõe algo que não deve ser revelado e alguém que sofre o que não se quer desvelar, como ocorre com os personagens do conto em questão. Ambos tentam suprimir as vozes que emanam do corpo e da alma e que só podem ser compreendidas por alguém que dividiu

experiências semelhantes. Ela só se deixa dizer ao ser interpelada pelas vozes que advém do comportamento do outro, de suas angústias, de suas marcas corporais.

Ambos compartilham mais que lembranças, eles também dividem o exílio no Caribe, junto a tantos outros que estão longe da terra natal, no caso, o Chile. O degredo é também uma forma de silêncio imposta pelos ditadores que buscam não só calar as vozes daqueles contrários ao regime, mas, também, extirpar a figura dos mesmos. Além de carregar em seu âmago a dor psicológica e, em seu corpo, a dor física, figura, ainda, entre os exilados, a saudade e a lembrança que não se cala.

Como afirma Le Breton (1997, p. 78) "qualquer sistema hierárquico implica uma canalização da palavra, uma manipulação do silêncio que se apresenta como uma zona estratégica de refúgio e, simultaneamente, em relação aos que lhe estão sujeitos, como que uma reserva perigosa de ameaças". É isso o que se observa no conto estudado: dois sujeitos desvelando silêncios impostos por um sistema ditatorial que busca sobrepor seus discursos a partir do silenciamento do outro. Apesar de todas as angústias observadas, o que temos é o despertar das vozes dormidas sobre os escombros de tantas cicatrizes.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. II, 58, p. 984-985.

ALLENDE, Isabel. Lo más olvidado del olvido. *In*: _____. **Cuentos de Eva Luna**. 6ª ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2007. p. 143-147.

AUERBACH, Erich. A Cicatriz de Ulisses. *In*: _____. **Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.1-20.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**, colaboração de André Barbault ...[et al.]: coordenação Carlos Sussekind; tradução: Vera da Costa e Silva...[et al.]. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

KOVADLOFF, Santiago. **O silêncio primordial**. Tradução de Eric Nepomuceno e Luiz Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LE BRETON, David. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.